

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

Os filhos de Israel tinham-se aumentado, multiplicado e tornado prodigiosamente numerosos, a terra estava cheia dêles. Um novo rei se elevou sôbre o Egito... Ele disse ao seu povo: «vêde, a população dos filhos de Israel ultrapassa e domina a nossa. Pois bem! Usemos de expedientes contra ela; doutro modo ela crescerá mais, e, sobrevindo uma guerra, êles poderiam juntar-se aos nossos inimigos, combater-nos e sair do país»... Os Egípcios acabrunharam os filhos de Israel com rudes tarefas. Tornaram-lhe a vida amarga com trabalhos penosos...

Então
ordenou
Faraó a
todo o seu
povo:

«A todos os filhos (hebraicos) que nascerem lançareis ao rio mas a tôdas as filhas guardareis com vida».

(Êxodo — Cap. I).

E Haman disse ao rei Assuero: Existe espalhado e dividido entre os povos em tôdas as províncias do teu reino um povo, cujas leis são diferentes das leis de todos os povos, e que não cumpre as leis do rei; pelo que não convém ao rei deixá-lo ficar. Se bem

parecer ao rei, escreva-se que os matem; e eu porei nas mãos dos que fizerem a obra dez mil talentos de prata, para que entrem nos tesouros do rei.

(Ester — Cap. III).

... Enforcaram pois Haman na fôrca que ele tinha preparado para Meardokai.

(Ester — Cap. VII).

... Porque não foi um só inimigo que se levantou contra nós para nos exterminar, em todos os séculos se levantaram contra nós novos perseguidores. Mas o Santo, bendito seja Ele, salva-nos constantemente

das suas
mãos.

(Hagadah
Shel Pessali).

... E o Senhor teu Deus porá tôdas estas maldições sôbre os teus inimigos, e sôbre os teus aborrecedores, que te perseguiram.

(Denteranomio — Cap. XXX, v. 7).

Louvemos o Senhor, Deus de glória singular.
Que o cavalo e o cavaleiro lançou no profundo mar.

Versão marana de Três-os-Montes
do Cântico de Miriam. Êxodo
— Cap. XV, v. 21).

DIA DA VITÓRIA

A CONFERÊNCIA SIONISTA

(CONTO JUDAICO)

No Suk (mercado) de Tunes, a notícia espalhou-se como um rastilho de pólvora: um missionário da Rússia longínqua, esta noite falará da reconstituição da Palestina judaica.

A conferência será feita em hebreu? Informações tomadas, o missionário, conhecendo admiravelmente várias línguas, exprimir-se-á em francês, para ser compreendido da maioria do auditório.

— E' uma impiedade! protestou o velho Eliézer. E que miséria de ter chegado a isso! A única mensagem que possam decentemente receber os judeus concernente à ressurreição da sua pátria deve ser em hebreu, senão não faria nenhum sentido. Nós profanamos os nossos pensamentos traduzindo-os num idioma estrangeiro. Oh Elohim! para que possa merecer a alegria que tu lhe anuncias, é preciso que o teu povo retome a sua língua sagrada.

E os seus colegas do Suk, de pé diante das suas estreitas lojecas, abanaram com a cabeça em sinal de acôrdo.

— Os tempos estão muito mudados, Eliézer, respondeu um dêles. Nós não tínhamos, adolescentes, outra distracção que os comentários do nosso Livro Sagrado, outros cantos senão os *Téhellim* (Salmos). Presentemente, os nossos filhos deleitam-se na leitura de livros profanos. E os seus lábios desaprenderam as nossas orações.

— Como pode a Palestina renascer? exclamou Eliézer, que uma sagrada cólera animava. O que nos permitiu triunfar do ódio dos *Goïm* (os não judeus), não foi a fé que vós nos infundistes, que vós mantinheis em nós, oh profetas de palavra ardente!

— Eu não irei à reunião, decidiu um outro. Que poderia eu lá compreender? Mas que prazer teria sido se o orador devesse falar em hebreu!

Eliézer, silencioso, penteando com seus dedos pálidos a sua longa barba, pensava, êle iria à conferência com o seu neto Soussou, o qual, com onze anos de idade, aca-

bava de obter o seu diploma de instrução primária. O seu neto, do qual era tão vaidoso porque êle sabia de cor tôdas as orações dos dias de semana e de festa e tomava parte nas controvérsias piedosas do sábadado na velha sinagoga do bairro.

E à noite, para lá se dirigiram de mãos dadas.

Como era preciso pagar dois francos pelo bilhete, Eliézer, não pediu senão um. A' porta da vasta sala do cinema, emprestada benèvolamente pelo proprietário israelita, a porteira deteve-o.

— Vós sois dois e só me entregais um bilhete?

Eliézer sorriu sob a sua barba amarelada.

— Eu só tomei um bilhete porque só conto ocupar um lugar.

— Mas o pequeno?

— Eu o farei assentar sôbre os meus joelhos.

— É preciso pagar por êle, apesar disso.

— É porque é isso?

E os olhos do velho brilharam com uma alegria maliciosa: o seu espírito pronto acabava de encontrar o argumento sem réplica.

— Quando se compra um terreno, não se é livre dali construir uma morada dum ou dois, ou mesmo três andares?

E deixando a porteira espantada, sob os risos divertidos da multidão, êle entrou seguido de Soussou um pouco inquieto.

Uma pesada nuvem de tabaco o acolheu ao mesmo tempo que um sussurro. Êle teria estimado que se entrasse neste lugar também como num templo. A sala estava já cheia. Indicaram-lhe o seu lugar: uma poltrona. Nela se sentou à vontade, o seu neto de pé entre os seus joelhos.

— Quando estiveres fatigado me o dirás Soussou, eu te farei assentar.

Em frente dêle, ao fundo da sala oblonga que a perspectiva estreitava, um largo estrado sustentava uma mesa bordada com uma fileira de cadeiras.

No meio dos aplausos o conferente subiu os degraus, escoltado pelos notáveis da cidade.

Eliézer reconheceu-o sem hesitação. Êle parecia bastante jovem. De alta estatura, cabeleira castanha, tez mate, êle fixava a sala com seus grandes olhos, que uma estranha flama iluminava. O seu rosto era imberbe. Eliézer notou para si próprio: porque é que êle tinha tirado a barba e os bigodes? Contudo, está escrito: "Tu não mutilarás o rosto que o Eterno te fêz". Êstes bigodes rapados eram uma sombra no quadro. Um pouco do prestígio do missionário estava perdido aos olhos de Eliézer.

O orador falou...

— Escuta com atenção, recomendo o velho ao seu neto, afim de que em casa tu possas repetir-me tudo que êle vai dizer.

E o jovem Soussou estendeu as suas orelhas, abriu muito os seus olhos para nada perder da palavra do colosso louro.

Êle falou com arrebatamento, com delírio. As suas frases marteladas alargadas por gestos amplos, comoveram tôda a sala. E o velho Eliézer aspirava com as suas grossas narinas peludas estas frases misteriosas cuja violência o embriagava.

O conferente combateu, reduziu a nada as objecções dos inimigos da causa judaica. Alternativamente, êle empregou a ironia mordaz, o rigor matemático. Para convencer os cépticos e agitar os indolentes,

êle fêz apêlo ao passado grandioso do povo de Israel, tirando dali um ensinamento, tirando dali uma fé.

Sôbre as cabeças moles dos ouvintes êle fêz soprar um vento de entusiasmo que os agitou.

Os aplausos saüdaram a sua magnífica palestra. E o velho Eliézer misturou a sua alegria comovida à dos outros; porque bem que não tivesse nada, oh! mas nada apanhado das palavras do conferente, pelo menos tinha-se deleitado — êle, o subtil talmudista — no choque das idéias, na controvérsia pressentida, nas vibrações das frases sonoras. Êle tinha esquecido êste detalhe dos bigodes rapados e não via já o orador senão através duma aura que o fumo do tabaco contribuía a formar. Era um profeta ressuscitado dos séculos antigos, um Isaías...

No caminho, o Soussousinho repetia o melhor possível as palavras do missionário. E Eliézer pensava que seria doce para êle ir morrer na Terra Santa afim de que os seus velhos ossos aí durmam o seu último sono, de se ir embora não só, como tinha julgado até agora, mas em companhia do seu neto que iria criar o seu futuro na sua pátria, reencontrada. E êle já se alegrava pensando que tôdas as sextas-feiras ao escurecer, sôbre o seu túmulo o seu neto viria piedosamente dizer uma *hashkabah* (oração pelos mortos)...

RYVEL.

Judeus em Hadhramaut

(O tipo meridional da Península Árabe)

Um grupo de 233 emigrantes Yemenitas chegaram à Palestina no dia 20 de Março, entre os quais vinha uma família de sete Judeus de Hadhramaut, onde vivem 400 famílias judaicas.

E' tirada do DAVAR do dia 26 de Março a seguinte descrição dos visitantes de Hadhramaut: São homens altos, usam mantos e turbantes brancos, os cabelos compridos. Têm o aspecto dos Judeus da antiguidade. Contaram, em puro Hebreu Bíblico, a história dos seus sofrimentos em Hadhramaut e as dificuldades que encon-

traram no caminho para a Palestina. O seu amor à Pátria ancestral e a perseguição incessante a que está sujeita a tribo de Habani. "Durante seis anos, disse o chefe, — Yahya Awad Habani — a nossa terra foi devastada por uma horrorosa fome, provocada por uma constante seca. Os Judeus sofreram o máximo".

"As autoridades locais, disse Yahya Awah, oprimem os Judeus. Cada dia que passa põe em perigo tôdas as vidas dos Judeus, e já foram ameaçados de expulsão."

Os Judeus de Haban têm a crença tradicional de que estarão entre os primeiros que serão exilados depois da queda do Segundo Templo. Segundo uma estimativa moderada, existem entre 700 a 800 Judeus em Haban. A maioria estão em-

pregados como ourives de ouro e prata, enquanto alguns continuam a fazer a sua vida pela lavoura e outras ocupações. Observam escrupulosamente a tradição Judaica e a sua vida religiosa é ordenada pela codificação da lei judaica feita por Maímonides. Não houve contacto entre eles e a Palestina durante gerações e o grupo recém-chegado é praticamente o primeiro de Judeus do Haban que chegam ao país.

Os Judeus de Haban explicam o facto de falarem Hebreu dizendo que essa linguagem lhes foi dada no Monte Sinai. Quando lhes perguntaram como achavam a comida da Palestina, um deles respondeu: "Nós gostamos da sede da Terra-Santa, como não haveríamos nós de comer o seu pão?"

A bandeira azul e branca hasteada sobre o quartel general da Brigada Judaica

A bandeira nacional palestinense azul e branca, foi solenemente içada sobre o quartel general da Brigada Judaica em Itália. A cerimónia foi simples e calma, mas tão comovente para os soldados que dela participaram, que as lágrimas correram por muitas daquelas faces endurecidas pela humilhação. É que lhes era dado ver a estrela de David, que os Nazis os tinham obrigado a usar como um sinal de vergonha, desfraldada como um símbolo de honroso combate.

Foram encontrados na Alemanha livros e tesouros artísticos pilhados aos judeus

Foram encontradas num castelo, próximo da aldeia de Hungen, 30 milhas ao norte de Frankforte, milhares de livros e manuscritos judaicos, segundo uma notícia dada pelo correspondente especial do *Daily Telegraph*, junto do 3.º exército americano.

A colecção que é dum valor inestimável, inclui também biblioteca completa, quadros e objectos de culto do museu T. Rothschild de Frankfort, pilhados à congregação judaica portuguesa de Amsterdam, e às de Kharkov, Lodz, Kiew, Salónica e França.

Na frente italiana 4.000 soldados judeus celebraram a Páscoa

Pelo menos 4.000 judeus das Fôrças Aliadas actualmente na Itália, incluindo neste número os membros do Grupo de Brigada Britânica, celebraram a Páscoa, tanto nas linhas de fogo, como em Roma. Sempre que possível, foram concedidos aos soldados judeus tempo e transporte que lhes permitissem assistir às cerimónias religiosas e a alguns foi mesmo dada a licença para virem a Roma participar dos Serderim que, para eles tinham sido preparados.

Os princípios da indústria de papel na Palestina

Está actualmente a funcionar na Palestina uma fábrica de papel. Os seus proprietários consideram-na apenas o modesto princípio duma futura indústria de papel na Palestina. Dizem eles que não há razão para que a Palestina não produza todo o papel de que necessita. Segundo as estatísticas de antes da guerra, o consumo anual de papel e de cartão na Palestina era de 20.000 toneladas, o que é fundamento de sobra para a criação duma indústria convenientemente estabelecida. Há abundância de matérias-primas no país; canas de Huleh e "hilfeh", que é aparentado com o "alfa" ou erva-de-esparto, com que se manufactura o papel em muitos países. Milhares de operários podiam ser empregados na indústria de papel, se esta fôsse convenientemente desenvolvida.

O plano da fábrica e dos maquinismos são obra do Sr. L. Freund, engenheiro da Jugoslávia. Foi êle que desenhou tôdas as máquinas (tambores, cilindros, etc.) e encomendou as várias peças a 37 diferentes oficinas da Palestina, provando assim aos cépticos que se podia construir uma fábrica de papel na Palestina. Cêrca de LP. 50.000 foram gastas neste empreendimento.

Há cêrca de um ano, que a fábrica apresenta os seus produtos no mercado. A continuação da sua existência dependerá da aptidão competidora da indústria da Palestina e da protecção dada pelos judeus da Palestina às manufacturas locais.

O Presidente Truman apoia firmemente as pretensões territoriais judaicas

Após uma visita a Casa Branca, o congressista Emanuel Celler disse, numa assembléia da imprensa em Washington, que o Presidente Truman secunda firmemente a atitude de Mr. Roosevelt, sôbre a Palestina.

O Sr. Celler acrescentou que «êle não se desviará nem um ponto do programa do partido democrático que pretende um estado democrático judaico na Palestina.

Clubes agrícolas

Extracto de um artigo publicado no *Palestine Post* de 30 de Março:

«Do diário de Meira, de 12 anos de idade: Na quinta-feira levantei-me muito excitada à espera dos pintos e todos e tudo estava pronto quando êles chegaram. Dois dêles morreram no dia seguinte e eu enterrei-os debaixo do limoeiro e depois mais três. Hoje não morreu nenhum. Estão todos a comer muito bem.»

Meira é uma rapariga estudante de Kfar Saba que, com 60 outras (a décima parte da população da escola), pertencem a um

clube agrícola, uma experiência importada dos Estados-Unidos e iniciada há 14 meses no Departamento de Educação de Vaad Leumi.

Os membros do clube, cujas idades variam entre os 11 e os 15 anos, escolhem um dos vários trabalhos agrícolas e Meira decidiu-se por um dos mais populares: guarda de capoeira. Foram-lhe entregues 100 pintos nascidos na véspera trazidos da Estação Agrícola Governamental de Acre. O «tudo» que estava pronto era a capoeira e o quarto que os pais de Meira despejaram de tôda a mobília, até que os pintos fôssem capazes de sair para o tempo incerto. Meira assumiu total responsabilidade pelo seu bem estar, transporte e preço e compreendeu que esperavam que ela realizasse aquêle trabalho de uma forma profissional — tudo fora da hora das aulas, evidentemente.

Muitas crianças preferem plantar pomares, com um «dunan» cada, onde os outros do clube podem entrar para se orientar e onde crescem certas variedades de frutos. Algumas guardam cabras ou patos, cultivam vegetais para alimentação caseira ou forragens para as vacas. No ano passado, o clube tinha, assim, cêrca de 15 «dunans» cultivados.

Na América êstes clubes não são já uma experiência há muito tempo.

O resultado em Kfar Saba, logo depois de um curto ensaio, parece uma história e quási se diria bom demais para ser verdadeiro. Mas as conclusões lá estão e podem ser vistas.»

O Primeiro Ministro fala sôbre a Brigada Judaica

Ao anunciar na Câmara dos Comuns a rendição dos alemães na Itália, o Sr. Churchill, enumerando as várias tropas que combateram na frente italiana, acrescentou:

«A Brigada Judaica, que nós formamos há apenas um ano, combateu nas primeiras linhas com bravura...»

Visado pela Comissão de Censura

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portuguezes desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 126)

Com o mesmo nome os tratou depois Fr. Afonso de Espina da Ordem dos Menores Observantes; Judeu converso, e um dos mais sábios homens, que teve a Sinagoga no Século XV, porque no Livro que escreveu intitulado *Fortaleza da Fé*, contando a conversão de muitos dêles no Século XIII na ocasião, em que se dizia haver aparecido sinais de cruz nos vestidos dos Judeus, os denomina Sadduceos, e Hereges (Falando no Século XIII, diz assim: *Circa id tempus, in quo apparuerunt in vestimentis Judæorum signacula Crucis in regno Castellæ, ficut infrá dicitur, secundum quod scripsit Rabi Abraham ben Esra in libro suo, quo Legem glossavit, ones Judæi prædicti Regni (Castellæ) er pro mejori parte in tota Hispania signanter in civitate Burgensi erant Sadducei, e hæretici. Sicut etiam Scripsit R. Nose Legionensis in libro, quem fecit pro reprehensione Sadducærum; quia in Villa Carionensi prædicti regni erant Pharisæi, et Sadducei; sed Sadducei habebant majorem potestatem.*

Nestes tempos é que conta a aparição dos sinais de cruz nos vestidos dos Judeus no Reino de Castela e a sua conversão. Wolfio na *Bibl. Hebr.* tom. III, pág. 769 falando da conversão dos judeus, por ocasião dêste facto, entende justamente por Sadduceos os Karaitas *Apparitie enim crucis in vertimentis Judæorum, et quæ cum illa conjuncta fuisse fertur Karærum conversio incidit in ann. C. 1295.* E cita o mesmo autor da *Fortaleza da Fé* liv. III.

Consid. X art. 9). Assim continuaram na Espanha os Karaitas no Século XIII e talvez ainda nos dois seguintes.

A caso concorreu muito para se propagar esta Seita o freqüente uso, em que estavam geralmente de escrever em Arábigo (*Wolfio Biblioth. Hebr.* t.º I, pág. 44). Esta língua sendo então mais vulgar na Espanha do que a Hebraica, de que muito usavam os Rabbanitas, facilitava ainda mais os progressos desta Seita entre os Judeus espanhóis. Porventura que também se engrossaria o seu partido com muitos, que successivamente fôsem vindo às nossas terras de outras diversas partes da Europa, onde os havia naqueles tempos em grande quantidade (Os Karaitas habitaram em t.ºda a parte, como nota Trigland pág. 110. *Urt nulla fars sit mundi veterieus cogniti, quo non hæe Secta æque ac Judæi Rabbanitæ penetruverit.* Ainda que o assento principal dos Karaitas foi antigamente em Babilónia, no Cairo, em Damasco, em Bagdad, na Terra Santa, em Alexandria e em Constantinopla, ainda antes que a tomassem os Turcos, todavia eram muitos na Moscóvia, no Grão Ducado de Lituânia, na Polónia, na Itália e noutras partes da Europa, para onde haviam vindo de Constantinopla e de t.ºda a Turquia (Trigland *Diatribæ de Secta Karæorum* pág. 114) e donde facilmente se podiam passar às Províncias de Espanha.

No Século passado conta R. David Neto na *segunda parte do Caseri*, que escreveu contra êles, que ainda os havia

na Polónia, Rússia, Valáquia e Constantinopla; que havia muitos em Jerusalém, em Damasco e no Cairo; e que na Tartária tinham muitas Sinagogas; e que também se achavam na Etiópia.

Hoje vivem muitos na Palestina, mas muitos mais na Tartária, para onde se retiraram do Egipto, de Gaga e de Constantinopla por causa das perseguições dos Rabbanitas e das opressões e tiranias dos Turcos. Na Europa ainda hoje vivem na Lituânia em vários lugares, como em Byrsa, Pozinha, Neostádio, Korona, Troca, e noutras partes. Há muitos no Palatinado Laucusense da Polónia Superior e são os mais opulentos e poderosos.

Donde nunca vieram a ser tão raros, que pudesse dizer Ligtfout no tómo II de suas obras pág. 148 que apenas se achava um Karaita entre os Judeus; e o que fêz as notas marginais à *História Crítica do Testamento Velho* de Ricardo Simão cap. 29, pág. 160 que apenas em todo o levante se via um Judeu Karaita.

Extinção dos Karaitas.—Depois vieram a fazer menos culto, até que nos últimos tempos se extinguiram de todo. (Ainda que houve tempos, em que foram em grande número em nossa Espanha, como acima dissemos, todavia depois vieram a diminuir grandemente e a ser muito poucos, como sucedeu em outras partes do mundo, ainda nos lugares, em que mais se haviam propagado.

Concorreu muito para isto entre outras causas: I— a muita larga extinção que deram por uma interpretação escrupulosa aos graus proibidos no matrimónio; Trigland págs. 111, 112 e 113 o que diminuía os progressos da sua propagação; II— a inteireza de sua vida austera, e a severidade da sua doutrina, porque seguiam sempre na exposição dos mandamentos da Lei a parte mais apertada e rígida da antiga Escola Judaica de R. Schammai, que não a mais larga, e relaxada de R. Hillel, a qual se não acomodava tão bem ao comum dos Judeus, como mais repugnante à carne e ao sangue. Isto é o que inculca o *Chillouk* Mss. que cita Trigland, págs. 110 e 111; III— o celibato, em que ficavam muitas de suas filhas, porque os Rabbanitas as rejeitavam, e assim se dificultavam os matrimónios, Guilherme Portello *Alphabet XII*

Linguor; IV— a perseguição que lhes fizeram os Rabbanitas movendo os Príncipes, a que os exterminassem de suas terras, Chillout citado por Trigland, pág. 112). Apenas deixaram vestígios de haverem estado em nossa terra, nem nos ficou obra alguma, donde pudéssemos haver maior notícia dêles. (Um dos principais motivos, porque se sabe pouco dêles, é a falta que há de seus livros. Os Karaitas em geral poucas obras imprimiram. A' excepção de alguns livros morais, que publicaram em Constantinopla e do *Euchologio* impresso em Veneza em 4.º poucos mais livros imprimiram; os mais tem êles Mss. e nem os vendem facilmente. Dos escritores que tratam da Literatura Hebraica, se queixam da raridade dos livros antigos e modernos dos Karaitas e não só dos Mss. mas ainda dos impressos; ou fôsse que escrevessem poucos, ou que os escondessem dos Rabbanitas e das mesmas pessoas de diversa Religião, como faziam em Constantinopla, onde os recatavam em lugares escuros, segundo referiu Solio a Hofftingero: *The-saur Philol. Hotting.* cap. I Sect. vol. n.º 9, pág. 41, acaso faziam isto escarmentadõs da grande perda, que tiveram dos seus Mss. na ocasião em que os Turcos tomaram Constantinopla.

Desta raridade se queixam Trigland pág. 114, Levino Warner *Dinert. de Karæis* tómo XXII do *Thef. das Antig. Sagrad.* de Ugolino cap. I, pág. 487, Carpozorio *Introdução* à obra *Puuio Fidei* de Raimundo ap. V; Morino *Exercit. Bibl.* IV que apenas viu um, como êle diz na epístola, que vem nas *Antiguidades da Igreja Oriental* pág. 364, Gustavo Peringer na *Epístola sobre os Karaitas da Lituânia*, que vem nos *Diálogos* em Alemão de Tenzelio publicados em 1691 pág. 537 e segs. Seldemo, que só teve dois Livros dos Karaitas; Buxtorfio, que não viu nenhum e apenas numera um por informação alheia na *Biblioteca Rabbinica* pág. 309 e três no *Apêndice* à mesma *Biblioteca*, de que lhe deu notícia António Lyer; e Wolfio *Bibliot. Hebr.* tómo IV, pág. 166, o qual refere poucos). E tais foram as três Seitas, que houve antigamente entre os judeus espanhóis.

Partido dos Judeus mais sensatos entre as duas Escolas dos Rabbanitas e Karaitas.—Contudo no que toca às duas

Seitas dos Rabbanitas e Karaitas, que rijamente se impunham, os judeus mais sensatos tinham uma mediana entre elas, porque nem acolhiam indistintamente tôda a casta de tradições, nem os rejeitavam absolutamente. Êles antepunham pelo comum a interpretação Literal da Lei Escrita às inteligências tradicionais dos Doutores; mas quando o texto admitia duas interpretações diversas, queriam, que se preferisse aquela, que se achava apoiado na Tradição Unânime de uns maiores, e nesta parte reprendiam os *Karaitas* por repudiarem semelhante *Tradição*, com o pretexto de ser contrária ao sentido Gramatical das Escrituras (veja-se Schichard no *Bechinat há Peruschim*, pág. 143, *Leusden Philol. Hebræomix. Dinert.* XVI pág. 111 e Ricardo Simão na *Histor. critic. do V Test.* liv. III, cap. V, pág. 373).

Esta era a doutrina de Toledano Aben Esra um dos judeus de maior sabedoria, que teve a Sinagoga de Espanha no Século XII. Não obstante ter sido discípulo de Japhert Levita Karco, reconhecia no Comentário ao Pentateuco, que se havia seguir a Tradição Unânime dos Doutores em matéria controversa, ou nos lugares da Escritura, que admitissem duas interpretações diversas; ao mesmo tempo, que fora dêste caso, queria que sempre se antefizesse a interpretação Literal da *Lei Escrita* às tradições e doutrinas dos maiores e se preferisse o estudo dos Livros Sagrados aos *Livros Gemáricos*. (Veja-se a sua obra intitulada *Jesod Mora* ou *Fundamento do Temor*).

CAPÍTULO IV

Da Escola Nacional dos Judeus Portugueses

Da Escola dos *Rabbanim* foram discípulos em particular os nossos Judeus Portugueses nos primeiros tempos da Monarquia; nela iam aprender a Ciência Bíblica, Talmúdica e Rabbinica, em que fizeram maravilhosos progressos, propagando muito êstes estudos pelas suas Judarias, e Sinagogas, que já desde tempos antigos haviam levantado por diversas partes dêste Reino.

Academia de Lisboa. — Foi muito nomeada a Academia, que êles tinham em Lisboa, que parece haver estado a princípio no Bairro da Pedreira entre a Igreja do Carmo e a da Trindade e mudar-se depois para o Bairro da Conceição. A ela concorria um grande número de Judeus Nacionais e Estrangeiros; e dela saíram os maiores Mestres dos Judeus, que tivemos em tempos passados, e as mais eruditas e elegantes obras, que então se escreveram de Literatura Sagrada.

Tolerância dos nossos Príncipes. — A tolerância, que os Judeus acharam em nossos Príncipes e o particular favor e acolhimento, que lhes fizeram os Senhores Reis D. Afonso II, D. Sancho II, D. Diniz, D. Pedro I, D. João I, D. Afonso V, e ainda o Senhor Rei D. João II nos primeiros anos de seu govêrno, folgado tempo lhes deu para poderem trabalhar com repouso de espírito no estabelecimento de suas Escolas, e na cultura dos estudos de sua Lei.

Aumento da Academia de Lisboa com a vinda dos Judeus de Castela. — A Academia de Lisboa recebeu grande aumento com a vinda de inumeráveis Judeus de Espanha a êstes Reinos em diversos tempos, maiormente nos dois Reinados dos Senhores Reis D. João I e D. João II, por ocasião das perseguições, que tiveram em Aragão e Castela, e pela expulsão e destêrro de 1492, que depois fulminaram contra êles os Reis Fernando e Isabel. Pode-se dizer, que desde esta última época até o ano de 1497, se achava refugiada e domiciliária entre nós a Literatura Talmúdica e Rabbinica de quâsi tôda a Espanha, isto é, a maior parte, não só dos Mestres mais sábios da Nação, mas também dos Códigos públicos assim Mss., como impressos da Sinagoga e de muitos outros particulares do uso doméstico dos Judeus de tôda a Espanha.

(*Continua*).

VIDA COMUNAL

Celebraram-se na Comunidade do Pôrto as festividades de Páscoa e Pentecostes (*Shebuoth*) na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm, à Rua Guerra Junqueiro. O pão ázimo (*Matsot*) distribuído, era de fabricação americana.